

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

VIVIANE TEBALDI MORAS

**A VOCALIZAÇÃO DO L EM CODA SILÁBICA: ANÁLISE EM TEMPO REAL EM
DUAS COMUNIDADES DO RIO GRANDE DO SUL**

PORTO ALEGRE

2017

VIVIANE TEBALDI MORAS

**A VOCALIZAÇÃO DO L EM CODA SILÁBICA: ANÁLISE EM TEMPO REAL EM
DUAS COMUNIDADES DO RIO GRANDE DO SUL**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti
Orientadora

PORTO ALEGRE

2017

AGRADECIMENTOS

Deixo meus mais profundos agradecimentos a todos que, de uma maneira ou outra, fizeram a diferença no meu percurso como graduanda em Letras.

Ao meu pai que, mesmo com poucas palavras, sempre teve o olhar bondoso e o coração aberto. A minha mãe, por ser minha maior fonte de inspiração e a professora que almejo ser. Ao meu irmão, porto seguro e fonte de alegria em meio ao caos que é a vida. Esse diploma é tanto meu quanto de vocês.

À professora Elisa Battisti, que não foi apenas minha orientadora, mas amiga e companheira, e sempre me guiou com paciência e carinho pelo caminho da pesquisa científica. Você me mostrou a alegria de ser professora e pesquisadora. Espero ser uma profissional tão extraordinária quanto você é.

Ao grupo de pesquisa, especialmente aos colegas Samuel de Oliveira e Igor Duarte, por compartilharem aprendizagens e conhecimentos. Vocês são a prova de que o estudo é mais proveitoso quando estamos entre amigos.

Aos professores que reafirmaram meu desejo pela Licenciatura e pesquisa: Arcanjo Briggman, Gabi Bulla, Kitty, Luiza Milano e muitos outros. Obrigada a tudo que fizeram por mim e fazem por seus alunos. Quem passa por vocês torna-se profissional mais qualificado e, inclusive, uma pessoa melhor.

A todos meus amigos, de Caxias do Sul e de Porto Alegre, por me permitirem dividir angústias, felicidades, lágrimas e risos. À Juliana, Laura e Luiza: obrigada por aceitarem a empreitada de serem minhas melhores amigas. A vocês, devo o mundo.

Às primas e amigas Susi e Maria Antônia, por não só dividirem um apartamento comigo, mas também a vida.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa que financiou meus estudos e por incentivar os alunos a seguirem o caminho da pesquisa científica; à UFRGS, pela oportunidade de estudo.

A todos familiares, amigos e colegas que, mesmo que indiretamente, influenciaram na minha graduação em Letras.

Muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo analisa o processo da vocalização do L em coda silábica a partir da Teoria da Variação (LABOV 2008 [1972]) em duas comunidades distintas: Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, centro urbano heterogêneo em termos demográficos e sócio-econômicos (FEDOZZI E SOARES 2015), e Flores da Cunha, município localizado na antiga Região Colonial Italiana (RCI – RS) na serra gaúcha. Trabalhos anteriores atestam a menor aplicação do processo em comunidades interioranas frente a Porto Alegre (BATTISTI E MORAS, 2015; BATTISTI E MORAS, 2016; COSTA, 2003; QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999). O objetivo dessa pesquisa é verificar o andamento do processo em ambas as comunidades por meio de uma análise em tempo real, medindo quanto a vocalização da lateral progrediu em vinte anos e quais os fatores a condicionam. Para isso, utilizam-se entrevistas sociolinguísticas de diferentes *corpora*, realizadas em períodos distintos nas duas comunidades. Com o programa de análise estatística RBrul (JOHNSON, 2017), controla-se o efeito das variáveis sociais Sexo/Gênero e Faixa Etária e das variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Tonicidade da Sílabas e Posição da Lateral, buscando compreender o que favorece e desfavorece a aplicação do processo. Além disso, um estudo de aspectos históricos e sociais é realizado, examinando transformações sociais e econômicas ocorridas nas cidades no período de vinte anos que possam se relacionar às mudanças linguísticas. As proporções encontradas são de 12% de aplicação da vocalização em Flores da Cunha com dados de 1990 e 77% com dados de 2008-2009; em Porto Alegre, verifica-se a proporção de 92% com dados de 1990 e 100% com dados de 2016-2017. Verifica-se que a vocalização progrediu consideravelmente na comunidade de Flores da Cunha, enquanto que, em Porto Alegre, atingiu *status* de realização categórica, em que não há variação. Em Flores da Cunha, o contexto fonológico precedente de vogais posteriores, os contextos seguintes de consoantes labiais e altas, a tonicidade pretônica e a posição da lateral em interior de palavra influenciam a aplicação do processo, assim como o grupo etário mais jovem.

Palavras-chave: variação linguística; vocalização da lateral; fonologia.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of vocalization of the L consonant in syllable coda based on the Variationist Theory (LABOV 2008 [1972]) in two distinct communities: Porto Alegre, capital of the Brazilian State of Rio Grande do Sul, a heterogeneous urban center in demographic and socioeconomics terms (FEDOZZI E SOARES 2015), and Flores da Cunha, a municipality located in the former Italian Colonial Region (RCI – RS) in the *Serra Gaúcha* (The Gaucho Highlands). Previous works attest a reduced occurrence of this process in interior communities when compared to Porto Alegre (BATTISTI E MORAS, 2015; BATTISTI E MORAS, 2016; COSTA, 2003; QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999). The objective of this research is to investigate the progress of the process in the aforementioned communities through real-time analysis: how much has the lateral vocalization progressed in twenty years and which factors conditioned it? Sociolinguistic interviews from different *corpora* and time periods with informants from both communities were analyzed in order to achieve the above-mentioned objective. With the statistical software RBrul (JOHNSON 2017), it was possible to control the effect of the social variables Sex/Gender and Age, as well as of the linguistic variables Precedent Phonological Context, Following Phonological Context, Syllable Tonicity, and Lateral Position, seeking to fully comprehend what favors and disfavors the occurrence of this process. Furthermore, a study of historical aspects is carried out, examining social and economic transformations in both communities in a 20 years period. The proportions found are 12% of vocalization in Flores da Cunha with data from 1990, and 77% with data from 2008-2009; in Porto Alegre, the proportions found are 92% with data from 1990, and 100% with data from 2016-2017. The process of vocalization has progressed considerably in the community of Flores da Cunha, whilst, in Porto Alegre, it achieved the *status* of categorical realization, in which there is no variation. In Flores da Cunha, the precedent phonological context of posterior vowels, the following phonological contexts of high and labial consonants, the pretonic tonicity, and the lateral position within a word influence the process occurrence, as well as a younger age group.

Keywords: linguistic variation; lateral vocalization; phonology.

LISTA DE ABREVIACOES

PB	Português brasileiro
RCI – RS	Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul
PE	Português europeu
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
VARSUL	Variacão Linguística na Região Sul do Brasil
NURC	Projeto Norma Urbana Culta
BDSer	Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Espectrograma da palavra “ala”	13
Figura 2 – Espectrograma da palavra “sal” com realização velarizada	14
Figura 3 – Espectrograma da palavra “mal” com realização vocalizada	15
Gráfico 1 – Alguns setores econômicos em Flores da Cunha	20
Gráfico 2 – Número de habitantes de Flores da Cunha	20
Tabela 1 – Vocalização da lateral, adaptada de Leite, Callou e Moraes (2003, p.235)	23
Quadro 1 – Variáveis independentes controladas e exemplos	30
Gráfico 3 – Variável <i>faixa etária</i> sobre a vocalização do L em Flores da Cunha	32
Gráfico 4 – Variável <i>contexto fonológico seguinte</i> sobre a vocalização do L em Flores da Cunha	33
Gráfico 5 – Variável <i>tonicidade da sílaba</i> sobre a vocalização do L em Flores da Cunha	34
Tabela 2 – Variável <i>faixa etária</i> em Porto Alegre com dados do VARSUL	36
Tabela 3 – Variável <i>contexto fonológico precedente</i> em Porto Alegre com dados do VARSUL	37
Tabela 4 – Variável <i>contexto fonológico seguinte</i> em Porto Alegre com dados do VARSUL	38
Tabela 5 – Variável <i>posição da lateral</i> em Porto Alegre com dados do VARSUL	39
Figura 4 – espectrograma de “difícil” (primeira ocorrência não vocalizada)	40
Figura 5 – espectrograma de “difícil” (segunda ocorrência não vocalizada)	40
Figura 6 – espectrograma de “difícil” (ocorrência vocalizada)	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 VOCALIZAÇÃO DA LATERAL	12
2.1 Caracterização da lateral	12
2.2 Caracterização acústica	13
2.3 Vocalização no PE e no PB	15
3. PADRÕES SOCIAIS E LINGUÍSTICOS	17
3.1 Comunidade de Porto Alegre	17
3.2 Comunidade de Flores da Cunha	19
3.3 Revisão de literatura	21
3.4 A questão dos contatos linguísticos	23
4. METODOLOGIA	25
4.1 A Teoria da Variação	25
4.2 Procedimentos metodológicos	26
4.2.1 Composição das amostras	26
4.2.2 Método de análise	27
4.3 Definição das variáveis	28
4.3.1 Variável dependente	28
4.3.2 Variáveis independentes	28
4.3.2.1 Variáveis linguísticas	28
4.3.2.2 Variáveis extralinguísticas	29
5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
5.1 Vocalização na comunidade de Flores da Cunha	31
5.1.1 Variáveis extralinguísticas	32
5.1.1.1 Faixa etária	32
5.1.2 Variáveis linguísticas	33
5.1.2.1 Contexto fonológico seguinte	33
5.1.2.2 Tonicidade da sílaba	34
5.2 Vocalização na comunidade de Porto Alegre	35

5.2.1 Análise quantitativa – VARSUL (1990)	35
5.2.1.1 Variáveis extralinguísticas	35
5.2.1.1.1 Faixa etária	35
5.2.1.2 Variáveis linguísticas	36
5.2.1.2.1 Contexto fonológico precedente	36
5.2.1.2.2 Contexto fonológico seguinte	37
5.2.1.2.3 Posição da lateral	38
5.2.2 Análise qualitativa – LínguaPoA (2016-2017)	39
5.2.2.1 Análise acústica	39
5.2.2.2 Os dados e seus contextos	41
5.3 Discussão dos resultados	42
6 CONCLUSÃO	46
7 REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país internacionalmente conhecido por sua grande extensão territorial. Por certo, seria impossível que um país tão grande apresentasse uma fala uniforme. Do Sul ao Norte, o português brasileiro (doravante PB) apresenta dialetos regionais, popularmente referidos como *sotaques*, que se caracterizam pela prosódia e escolha lexical, de um falar mais “chiado” como o carioca ou “arrastado” como o baiano à predileção por “sinaleira” ou “semáforo”. Além disso, mesmo dentro dos estados brasileiros, vemos diferenças na língua, em um contraste capital-interior, por exemplo. Ainda assim, o PB, assim como as línguas do mundo, manifesta-se em uma heterogeneidade ordenada (LABOV, 2008 [1972]), observada através da intercompreensão dialetal, mesmo com as particularidades fonético-fonológicas e lexicais de cada comunidade.

Vivendo no Rio Grande do Sul, ouvimos as pessoas aludirem a certos falares típicos de regiões do estado referindo alternâncias fonético-fonológicas. Em regiões onde se fala português de contato com línguas de imigração, como os falares dialetais alemães e italianos, por exemplo, são traços de sotaques locais a não palatalização das oclusivas alveolares /t d/ antes de vogal anterior alta derivada de /e/ em posição átona (*gen[te]* ou *gen[tɪ]*, não *gen[tʃɪ]*, *on[de]* ou *on[dɪ]*, não *on[dʒɪ]*), o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla (*pa[ʀ]eira* ~ *pa[r]eira*, *ca[ʀ]o* ~ *ca[r]o*) e a não vocalização da lateral pós-vocálica (*sa[l]gado* ou *sa[t]gado* ~ *sa[w]gado*, *loca[l]* ou *loca[t]* ~ *loca[w]*). O presente estudo propõe-se a analisar essa caracterização, concentrando-se no processo envolvido no último exemplo citado, a vocalização do L em coda silábica (*ca[l]da* ou *ca[t]da* ~ *ca[w]da*, *hospita[l]* ou *hospita[t]* ~ *hospita[w]*), contrastando seu emprego em duas comunidades distintas: Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, centro urbano heterogêneo em termos sócio-demográficos e econômicos; e Flores da Cunha, cidade do interior gaúcho, localizada na antiga Região Colonial Italiana (RCI – RS), onde se fala PB de contato com falares dialetais italianos.

A língua, aqui, é reconhecida como fato social, em que não se pode analisar o desenvolvimento de uma variável linguística sem, concomitantemente, investigar a vida social da comunidade em que ela ocorre. Para isso, a análise segue os princípios da Teoria da Variação (Labov, 2008[1972]) laboviana. Faz-se análise empírica de dados de fala, que são tratados estatisticamente, controlando-se grupos de fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas) que podem ter efeito sobre o processo. Realiza-

se uma investigação em tempo real, isto é, com dados coletados nas mesmas comunidades em períodos distintos, para verificar se o processo progrediu ou se mantém estável. A hipótese com que se trabalha é a de que, em Flores da Cunha, a vocalização progrediu nos últimos anos, mas a variante lateral e a vocalizada ainda estão em concorrência; enquanto, em Porto Alegre, o processo já se completou, passando de mudança em progresso para realização categórica.

O trabalho se organiza nos seguintes capítulos, a partir da introdução:

O capítulo 2 é sobre a variável dependente, a vocalização da lateral, em sua definição fonológica. Há também informações gerais sobre o processo no português europeu (doravante PE) e no PB, já que a vocalização é um dos processos que distinguem essas variedades de português.

O capítulo 3 focaliza os padrões sociais e linguísticos das comunidades em questão, Porto Alegre e Flores da Cunha. Trata da organização da sociedade com base em elementos históricos, culturais e econômicos, assim como mudanças ocorridas desde 1990 em ambas as comunidades de fala. Também é apresentada a revisão de literatura de análises de vocalização da lateral em Flores da Cunha, Porto Alegre e outras comunidades relevantes.

O capítulo 4 explica a Teoria da Variação, fundamento teórico da análise, e os procedimentos metodológicos da pesquisa realizada neste trabalho.

O capítulo 5 apresenta e discute os resultados relacionados à análise de regra variável.

Enfim, no capítulo de conclusão, avaliamos os resultados obtidos com as análises, em que constatamos o *status* categórico da vocalização da lateral em Porto Alegre e o incremento bastante expressivo do processo em Flores da Cunha nos últimos 20 anos.

2 VOCALIZAÇÃO DA LATERAL

O presente capítulo é voltado para explicações das teorias fonética e fonológica sobre a consoante lateral e sua vocalização. As seções a seguir caracterizam o segmento em questão e discorrem a respeito do processo no PE e no PB.

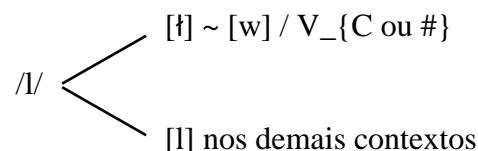
2.1 Caracterização da lateral

Em termos fonéticos, consoantes laterais são sons da fala em cuja articulação a corrente de ar egressiva escapa por um ou pelos dois lados da língua, devido à elevação da parte frontal da língua e sua interposição central na cavidade oral (ASHBY, 2011). No sistema fonológico do português, distinguem-se dois tipos de consoantes laterais em posição de *onset* silábico, isto é, antes da vogal, no início de sílaba: a que apresenta uma articulação dental ou alveolar, referindo-se à lateral alveolar (*leão, cavalo*), e a que se articula na região posterior ou palatal, correspondendo à lateral palatal [λ] (*coelho*).

Já na posição pós-vocálica, ou em coda silábica, a consoante lateral não se apresenta propriamente como alveolar, mas alveolar velarizada: há uma elevação da língua em direção ao véu palatino, o que resulta em uma articulação velarizada, ou inteiramente velar, com a supressão da elevação da ponta da língua junto aos dentes ou alvéolos. Nesse caso, se houver também o arredondamento dos lábios, ocorre a vocalização da lateral:

Daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica se chama a ‘vocalização’ da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. (CÂMARA JR., 1977: 41).

As possibilidades de sons da lateral são, portanto:



A vocalização se caracteriza, então, como o processo fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal quando ocupa coda silábica, esteja a sílaba no interior ou final de vocábulo: *fo[l]ga* ou *fo[t]ga* ~ *fo[w]ga*, *hospital[l]* ou *hospital[t]* ~

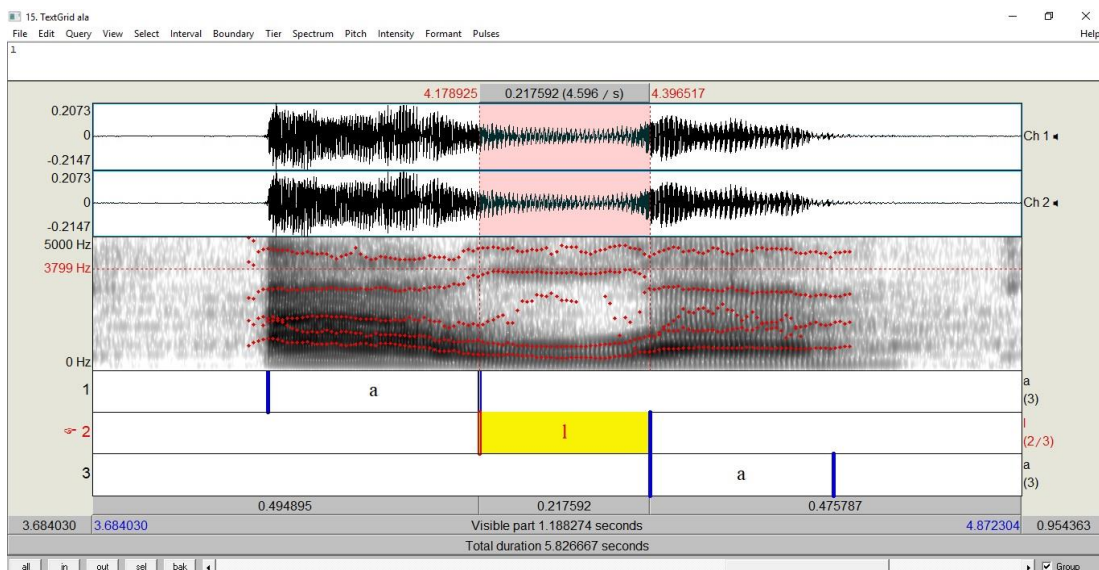
hospita[w], *imóve[l]* ou *imóve[t]* ~ *imóve[w]*, *a[l]moçar* ou *a[t]moçar* ~ *a[w]moçar*. Collischonn (2014) explica que esse processo de enfraquecimento da consoante, passando do som *l* para *u*, é processo natural, causado pelas características do nosso aparelho fonador, já que:

A consoante [l] é um som articulado com a língua levantada, próxima do céu da boca. Essa posição da língua é parecida com a posição que a língua assume na pronúncia do [u]. Quando está em fim de palavra, como em *sol*, *mel*, ou antes de uma consoante, como em *solta* e *belga*, a articulação da consoante se enfraquece. [...] Esse som consonantal enfraquecido é percebido pelos falantes como próximo de [u] e eles, dessa forma, começam a substituir um pelo outro, inicialmente, de forma mais esporádica e, aos poucos, de forma mais sistemática. É o que causa a mudança sonora em uma língua. (COLLISCHONN, 2014: 90).

2.2 Caracterização acústica

Análises acústicas, produzidas pela autora, das três manifestações de L em coda (alveolar, velarizada e vocalizada) foram realizadas com o *software* PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2013) e capturadas em forma de imagem pela tela do computador. Silva (1996) explica que a análise espectral das líquidas exige muito critério por terem, simultaneamente, características vocálicas e consonantais (retração do dorso da língua e obstrução parcial do trato vocal).

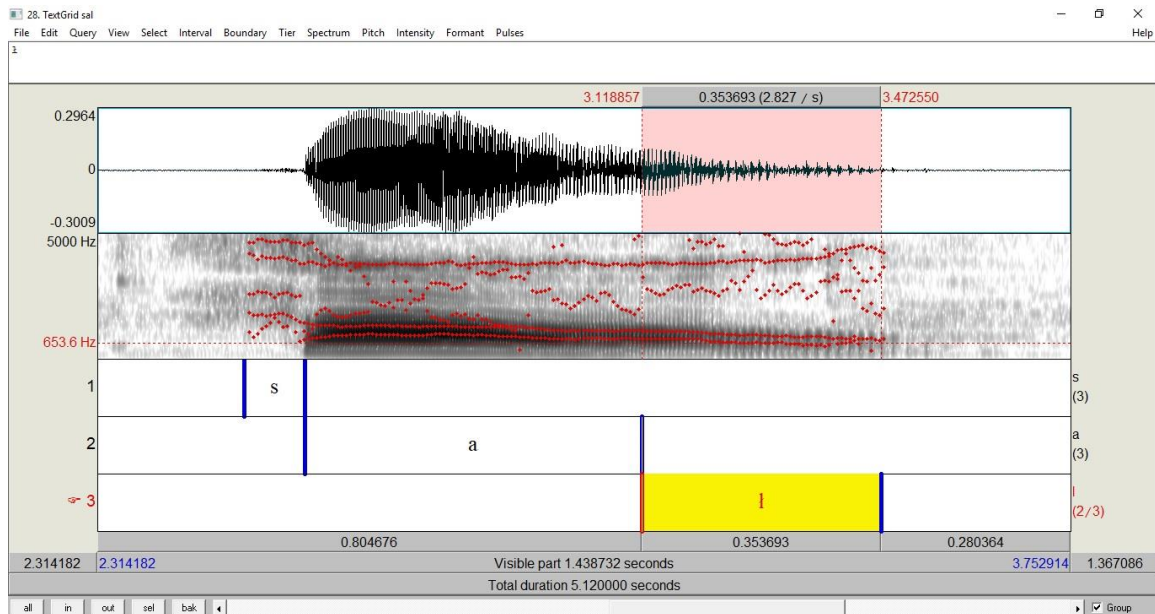
Figura 1 – Espectrograma da palavra “ala”



Fonte: A Autora

Na figura 1, é possível observar a análise acústica da palavra “ala”. Verifica-se que a lateral alveolar [l] tem aspecto visual contínuo, sem interrupções. Silva (2007) explica que esse aspecto contínuo dificulta sua segmentação; por isso, a pista mais significativa para segmentar o dado é a amplitude da onda, em que a lateral tem amplitude menor que a das vogais adjacentes, como evidenciado pelo *tier* em vermelho.

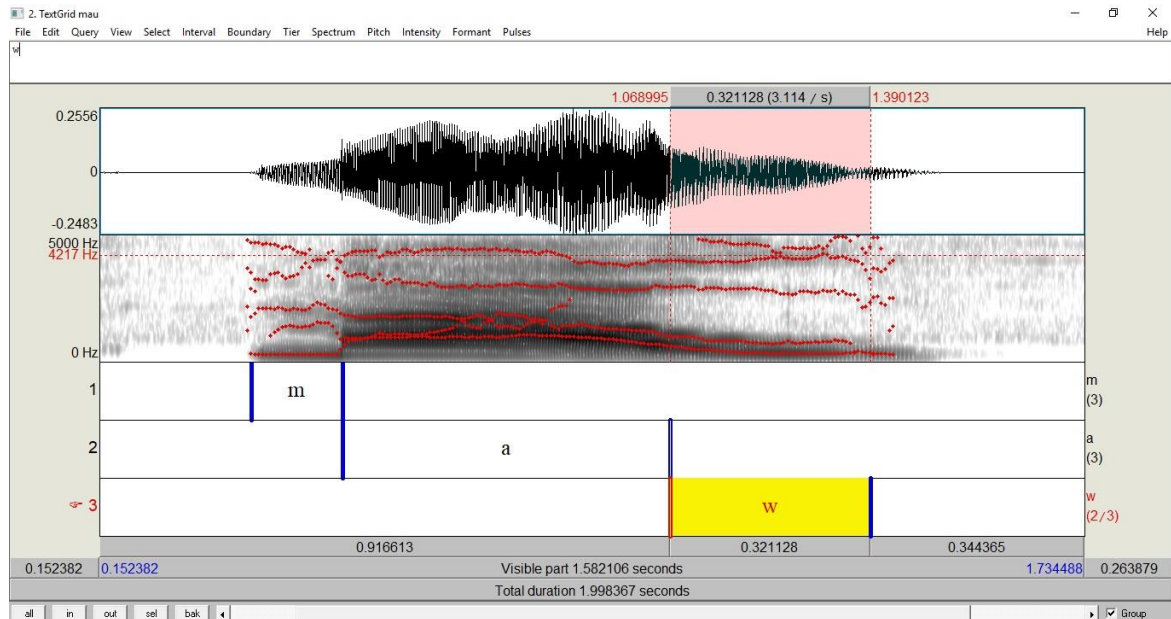
Figura 2 – Espectrograma da palavra “sal” com realização velarizada



Fonte: A Autora

Na figura 2, observa-se a realização velarizada da lateral. Seu espectrograma é muito parecido com o da lateral alveolar, já que são segmentos articulatoriamente semelhantes: mesmo modo – são laterais – e mesma sonoridade – ambas são sonoras –, diferenciando-se apenas quanto ao ponto de articulação: [l] é alveolar e [ɫ], velar. Porém, no caso da lateral velarizada, o terceiro formante desaparece, tornando o som, assim, mais próximo da realização vocalizada.

Figura 3 – Espectrograma da palavra “mal” com realização vocalizada



Fonte: A Autora

A realização vocalizada da palavra “mal” é verificada na figura 3. O que caracteriza a análise acústica da aproximante lábio-velar [w] é a trajetória descendente do primeiro e do segundo formantes, além da anulação do terceiro. Ao comparar os três espectrogramas, também se verifica como característica da realização vocalizada a maior amplitude da onda, como atestado por Silva (1996: 113): “a diferença mais marcante [entre a realização lateral e vocalizada] talvez seja a amplitude dos períodos, visível na forma da onda, que é menor para a lateral”.

2.3 Vocalização no PE e no PB

As diferenças mais evidentes entre as variantes do PE e do PB são de ordem fonética, embora se encontrem também diferenças sintáticas, morfológicas ou de uso da língua. No PE, o /l/ apresenta comportamento binário a nível fonético. Está associado a dois alofones: alveolar em *onset* e velarizado em coda. No entanto, estudos recentes realizados com dialetos portugueses (MARQUES, 2010; MONTEIRO, 2012) sugerem que o segmento lateral pode ser velarizado, inclusive, em posição de ataque.

De qualquer forma, a vocalização verificada em PB não ocorre em variedades do português como o de Portugal, de Cabo Verde ou São Tomé (os últimos, países africanos de língua portuguesa). Leite, Callou & Moraes (2007, *apud* HAHN, 2010), em um trabalho sobre

o PE, encontram apenas 18% de vocalização com um *corpus* de Lisboa. Em um estudo diacrônico sobre o L, Hahn (2008) identifica a vocalização da lateral não apenas um fenômeno do português moderno, mas que teve seu início no latim, por volta do século VI. Em alguns manuscritos de 494 d.C., encontra-se a troca da palavra *calculus* por *caucus*, por exemplo. Outras palavras latinas, datadas do século VIII, dão testemunho de que a vocalização da lateral ocorreu: *alteru* > outro, *altariu* > outeiro, *palpare* > poupar.

3 PADRÕES SOCIAIS E LINGÜÍSTICOS

Neste capítulo, são caracterizadas as cidades de Porto Alegre e Flores da Cunha em termos sócio-históricos. Também é feita uma revisão de pesquisas linguísticas realizadas em ambas as comunidades e outras cidades relevantes. No que se refere especificamente a Flores da Cunha, a caracterização reproduz o que vai em Battisti e Moras (2016). O mesmo vale para a revisão de literatura sobre vocalização da lateral, também de autoria de Battisti e Moras (2016). A última seção deste capítulo conta com uma pequena exposição sobre a questão dos contatos linguísticos nas comunidades de Porto Alegre e Flores da Cunha.

3.1 Comunidade de Porto Alegre

A cidade de Porto Alegre é reconhecida por suas múltiplas culturas. De acordo com Monteiro (1995), os primeiros imigrantes a chegarem à região foram casais açorianos, enviados pelo governo português para povoar o Sul, na metade do século XVIII. Em 1772, foi instituída a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais e, a partir de então, foram construídas a primeira sede do governo, a cadeia, o cemitério e a Praça da Matriz. No início do século XIX, a freguesia foi elevada à vila e, em 1822, ganhou foro de cidade, recebendo o nome de Porto Alegre.

Nesse período, chegam os primeiros imigrantes alemães, cruciais para o desenvolvimento econômico da cidade. Com a Guerra do Paraguai, Porto Alegre recebe investimentos do governo e, entre 1870 e 1880, constrói a Usina do Gasômetro, regulariza a coleta de lixo e inicia o saneamento. No século XX, a cidade se encaminha para efetivar-se como centro urbano reconhecido internacionalmente, com o crescimento da indústria, construção civil, saúde e educação.

De acordo com estimativa recente de população do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Porto Alegre conta com 1.481.019 habitantes distribuídos em 496,682 km² de área¹. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,805², o 7º melhor índice dentre as capitais brasileiras. A capital contrasta com o interior do estado devido ao seu caráter multicultural e cosmopolita. Em 2014, Porto Alegre foi cidade-sede da Copa do Mundo, sediando jogos e recebendo turistas de todos os lugares do globo.

¹ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490> (Acesso em 28/06/2017).

² Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=431490&idtema=118> (Acesso em 28/06/2017).

No livro *Porto Alegre: transformações na ordem urbana*, Fedozzi e Soares (2015) exploram as mudanças entre os anos de 1980 e 2010 na região metropolitana de Porto Alegre (doravante RMPA), que reúne 34 municípios próximos da capital, como Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Viamão, Gravataí, Alvorada, entre outros.

Entre 1980 e 2010, Porto Alegre e a RMPA sofreram importantes mudanças econômicas que repercutiram na sua reestruturação interna e na sua reconfiguração urbano-regional. O processo de desconcentração metropolitana tem reforçado a tendência à policentralidade metropolitana com o crescimento do comércio e dos serviços não só na capital, como em outros centros, especialmente os mais populosos e de economia mais dinâmica. Em um primeiro momento (décadas de 1970 e 1980), a expansão metropolitana se produziu pelo transbordamento da mancha urbana da capital e pelo deslocamento da indústria; a partir de 2000, a desconcentração também afetou o setor de serviços, com alguns centros urbanos se convertendo em polos de atividades terciárias. Essa mudança reflete a alteração do perfil da própria economia da metrópole, que se caracteriza por um incremento da participação dos serviços no Produto Interno Bruto (PIB). (FEDOZZI E SOARES, 2015)³.

Essa desconcentração metropolitana, com o deslocamento das indústrias da RMPA a outras cidades do estado, especialmente para o interior, fez com que o mercado de trabalho sofresse transformações. Entre 1991 e 2010, a participação nos setores de serviços e comércio é ampliada, enquanto mudanças qualitativas ocorrem no mercado de trabalho, como o crescimento do assalariamento e dos trabalhadores com vínculo regulamentado. A queda da participação da indústria e aumento do terciário são indicadores da ascensão da RMPA como centro urbano.

Em relação à população, a década de 1980 foi de expansão generalizada na região metropolitana, enquanto nas próximas décadas observa-se a manutenção do crescimento populacional em ritmo baixo e constante. Mudanças no perfil econômico e ocupacional também tiveram suas maiores alterações entre a década de 1980 e 1991: surgem novas áreas de atuação de tipo superior, devido ao aumento nas taxas de escolarização, o que gera um maior número de trabalhadores com Nível Superior de escolaridade. Em termos de distribuição no espaço físico, houve a concentração das elites em bairros nobres e periferação das camadas populares. Na questão de mobilidade, foi constatado o aumento da oferta do transporte público, além da motorização da população, que duplicou na última década.

³ Disponível em:

http://www.observatoriodasmetropoles.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=958%3Aporto-alegre-1980-2010-transforma%C3%A7%C3%B5es-na-metr%C3%B3pole-meridional&Itemid=169 (Acesso em 28/06/2017)

Sintetizando, Porto Alegre sofreu mudanças em seu perfil nos anos pós-ditadura (1964-1985), especialmente em relação ao crescimento populacional e a transformações econômicas e no espaço social-geográfico do município. Desde então, a cidade vem constantemente se mantendo como centro urbano de referência no país.

3.2 Comunidade de Flores da Cunha

Flores da Cunha é um dos 55 municípios situados na antiga RCI – RS, região em que se fundaram colônias de imigrantes italianos no final do século XIX. Segundo estimativa recente, Flores da Cunha possui 29.405 mil habitantes, distribuídos em 272,605km² de área⁴. Localizada no nordeste do estado, fica a 150 km da capital Porto Alegre e é limítrofe com Caxias do Sul, maior cidade do interior.

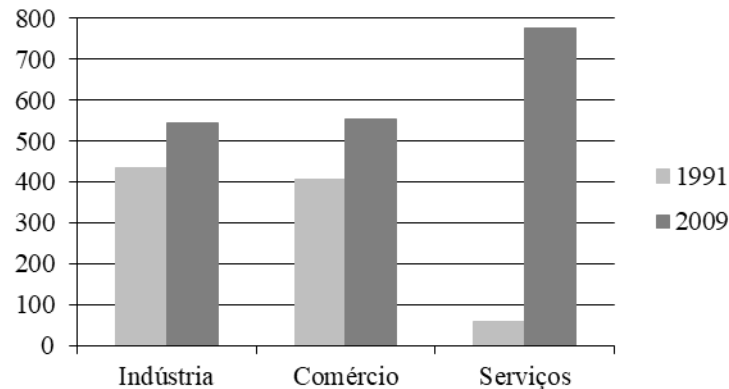
Historicamente, a cidade foi colonizada por imigrantes italianos, a maior parte advinda do norte da Itália, que, pelo ano de 1885, formaram a vila de Nova Trento. Em 1924, a emancipação do distrito foi efetuada e, nove anos depois, o nome passou de Nova Trento para Flores da Cunha. Até hoje, os habitantes de Flores da Cunha preservam os costumes dos imigrantes italianos, evidenciados, especialmente, através das práticas religiosas e do trabalho agropecuário, como dito por Tasca (1999: 8).

A economia do município é diversificada. A zona rural abriga pequenas e médias propriedades em que núcleos familiares mantêm-se da agropecuária, com o cultivo de hortifrutigranjeiros e criação de aves, porcos, gado e vacas leiteiras. A zona urbana conta com estabelecimentos comerciais e de serviços, como lojas de roupa, farmácias e postos de gasolina. Em sua periferia estão os estabelecimentos industriais, dedicados principalmente à produção de móveis, vinhos e suco de uva. Flores da Cunha é o município maior produtor de vinhos e uva do país, o segundo polo moveleiro e o primeiro produtor de bebidas alcoólicas do estado.

A consulta a fontes bibliográficas como Oliveira (1992) e dados sócio-econômicos e demográficos disponibilizados pelo IBGE mostra incremento de 1991 para 2009 das atividades econômicas desenvolvidas na zona urbana, como também da população nessa área (gráficos 1 e 2).

⁴ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430820> (Acesso em 28/06/2017).

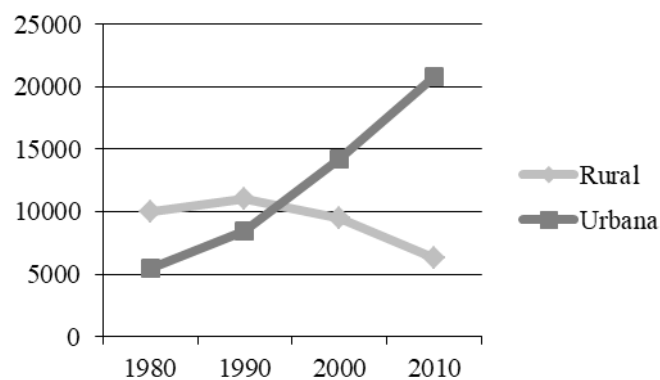
Gráfico 1 – Alguns setores econômicos em Flores da Cunha



Fonte: Battisti e Moras (2016: 108)

Em 1991, estavam registradas em Flores da Cunha 901 empresas, distribuídas entre indústria (setor secundário), comércio e serviços (setor terciário). Em 2009, 1.893 empresas estavam registradas, com um aumento significativo no setor de serviços, muito provavelmente incrementado pelo aumento da densidade populacional urbana. Além do aumento populacional – de 17.181 habitantes em 1991 para 27.126 em 2010 – houve diminuição dos moradores da Zona Rural e aumento considerável de habitantes na Zona Urbana, configurando êxodo rural.

Gráfico 2 – Número de habitantes de Flores da Cunha



Fonte: Battisti e Moras (2016: 108)

A economia de Flores da Cunha inclui também o setor de turismo, que se beneficia de ações e leis municipais de preservação e valorização das raízes italianas. Além de promover celebrações como a Festa da Vindima, que atrai visitantes de todo o país, possui em seu calendário o Dia da Etnia e do Dialeto Italiano (20 de maio, data da chegada dos imigrantes

italianos à área onde hoje se situa a cidade). No feriado de Corpus Christi, Flores da Cunha atrai milhares de fiéis da religião católica do estado que apreciam os belos tapetes de serragem feitos por voluntários e dispostos no entorno da Praça da Bandeira.

As práticas bilíngues, sobretudo orais (falar e compreender a língua), verificam-se na zona rural, principalmente por parte de idosos. Na zona urbana, predominam as práticas linguísticas monolíngues-português. Fomentar o falar dialetal italiano, o “Talian”, integra o projeto cultural do município, de resgate a sua trajetória de desenvolvimento.

Portanto, entre 1990 e 2010, vemos que Flores da Cunha passou por diversas transformações econômicas e populacionais. Mudanças como essas podem acarretar mudanças linguísticas, investigação desse trabalho.

3.3 Revisão de Literatura

A realização variável da lateral em coda silábica no português do sul do Brasil foi objeto de várias análises. Revisam-se aqui três delas, de Quednau (1993), Tasca (1999) e Costa (2003), todas realizadas em tempo aparente. Uma das comunidades investigadas por Quednau (1993) é similar a Flores da Cunha, de base étnica italiana, além da capital Porto Alegre. A análise de Tasca (1999) investiga tanto Flores da Cunha como Porto Alegre e, a de Costa (1999), apenas Porto Alegre.

Quednau (1993) examina a fala de sessenta informantes distribuídos em quatro regiões geográficas do Rio Grande do Sul: metropolitana (Porto Alegre), fronteira (representada pela cidade de Santana do Livramento, zona de contato português-espanhol), de colonização alemã (representada pelo município de Taquara) e de colonização italiana (representada pela localidade de Monte Bérico, distrito de Veranópolis). O *corpus* foi coletado em 1981 por Leda Bisol e hoje integra o acervo VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Tendo a vocalização da lateral como variável dependente, encontra uma proporção total de 45% de aplicação da regra, com a seguinte distribuição: 91% em Porto Alegre, 27% em Santana do Livramento, 23% em Monte Bérico e 20% em Taquara. Quednau (1993) constata, na variável social Etnia, que a vocalização é favorecida pelos metropolitanos e desfavorecida tanto pelos fronteirios, quanto pelos descendentes de italianos e alemães. As outras variáveis sociais, Idade e Sexo, mostram-se inexpressivas para o processo. Nas variáveis linguísticas, o acento tônico e pretônico, as vogais médias anteriores e posteriores como contexto fonológico precedente, consoantes altas como contexto seguinte e a lateral em composições e sufixos especiais *-mente* e *-zinho* favorecem a aplicação da regra.

Tasca (1999) analisa dados de fala a partir de sessenta entrevistas realizadas no início dos anos 1990 e integrantes do banco de dados do VARSUL. As comunidades investigadas são: Porto Alegre (descendentes de açorianos), Flores da Cunha (descendentes de italianos), Panambi (descendentes de alemães) e São Borja (fronteiriços, em contato com o espanhol). Por não ter encontrado indícios de vocalização no interior, Tasca investiga a alternância entre lateral velarizada e vocalização em Porto Alegre, e a alternância entre lateral alveolar e lateral velarizada em comunidades do interior do estado. Na capital, a proporção de ocorrência de preservação da lateral velar é de 54%. Nas variáveis sociais, homens, indivíduos maiores de 50 anos e informantes do nível primário favorecem a realização da lateral velarizada em Porto Alegre; nas variáveis linguísticas, palavras em que a lateral localiza-se em posição final ou interior de palavra simples e posição tônica também condicionam o emprego da lateral velarizada. Já nas comunidades do interior, a proporção de ocorrência da lateral alveolar em Flores da Cunha e Panambi são de 71% e 77%, respectivamente, enquanto em São Borja é de 24%. Como em Porto Alegre, nas variáveis sociais os homens, informantes maiores de 50 anos e do nível primário condicionam o emprego da lateral alveolar; nas variáveis linguísticas, a lateral em posição final ou interior de palavra simples e os contextos que possuem lateral em posição tônica também favorecem a realização alveolar.

Costa (2003) investiga dois fenômenos linguísticos, a vocalização da lateral e a monotongação de /ow/, ambos na comunidade de Porto Alegre, a partir da coleta de dados de doze entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, realizadas em 1990. Referente à vocalização da lateral, Costa (2003) verifica quase 100% de aplicabilidade da regra, com peso relativo .97. Mesmo com essa margem alta de aplicação, constata que ainda assim há o favorecimento ou não da regra por fatores linguísticos e sociais. Nas variáveis sociais, apenas Idade mostrou-se relevante, com o favorecimento da realização vocalizada por indivíduos entre 20 e 30 anos; nas variáveis linguísticas, segmentos bilabiais como contexto seguinte e a vogal baixa como contexto precedente também favorecem a vocalização da lateral.

Além desses trabalhos, uma pesquisa de Leite, Callou e Moraes (2003, *apud* COLLISCHONN, 2014) verificou a vocalização em cinco capitais brasileiras. Os dados foram coletados a partir de entrevistas do *corpus* NURC (Projeto Norma Urbana Culta), projeto iniciado em 1970 que buscava estudar como falavam as pessoas cultas nas grandes cidades brasileiras, com informantes de nível superior. Os resultados são apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 – Vocalização da lateral, adaptada de Leite, Callou e Moraes (2003, p.235)

	Número de palavras com realização vocalizada	Número total de dados	%
Rio de Janeiro	249	278	90
São Paulo	250	290	86
Recife	226	253	89
Salvador	207	288	72
Porto Alegre	116	215	54

Fonte: Collischonn (2014: 93)

O que se pode observar na Tabela 1 é que a vocalização é geral em todo o país e, na cidade de Porto Alegre, a aplicação da regra é mais baixa do que nas outras capitais, à época do estudo. Com as pesquisas de Quednau (1993), Tasca (1999) e Costa (2003), constata-se o avanço da realização vocalizada em Porto Alegre, com aumento significativo na porcentagem de aplicação. Mesmo assim, em cidades do interior, ainda verifica-se a alternância entre a vocalização e a realização da lateral velar e alveolar.

3.4 A questão dos contatos linguísticos

A história do Brasil é pautada por intensos fluxos migratórios que ocasionaram – e ainda ocasionam – encontros de povos, línguas e culturas. Apesar de o português brasileiro ser reconhecido como nossa língua oficial, 274 línguas indígenas são faladas no Brasil, segundo o IBGE⁵, e esse número não leva em conta a diversidade dialetal e regional presente no nosso país. A história de ocupação do território brasileiro provocou uma vasta pluralidade interna que tem, na língua, uma marca identitária fundamental.

Ao longo dos três primeiros séculos da história brasileira, durante a era colonial, existia o contato intenso entre o português e as línguas indígenas e africanas, como explica Mello (2011). O contato entre o português e outras línguas indo-europeias aconteceu mais tarde, nas primeiras décadas do século XIX, focalizado no Sul do país. Aqui no Rio Grande do Sul, os espanhóis, na região fronteira, os açorianos, em Porto Alegre e no litoral, os

⁵ Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada> (Acesso em: 28/07/2017).

alemães, às margens do Rio dos Sinos, e os italianos, na região serrana gaúcha, constituem a diversidade do nosso estado, que acarreta não só contatos linguísticos, mas também socioculturais.

Hoje, Porto Alegre, capital do estado, é centro urbano que acolhe pessoas de diversos lugares, sejam do Brasil ou do mundo. Esse contato entre o português e muitas línguas na comunidade heterogênea porto-alegrense causa intensa variação. Já em Flores da Cunha, a variação ocorre a passos mais lentos, possivelmente mantida pelo forte orgulho da herança italiana. A italianidade, que no início do século XX sofreu forte repressão devido à campanha de nacionalização do ensino, com a proibição de se falar idiomas estrangeiros, hoje é motivo de celebração (FROSI E RASO, 2011). Mesmo assim, há algumas décadas, os dialetos italianos da RCI – RS não têm sido transmitidos de pais a filhos, sendo as tradições mantidas de outras maneiras que não com a língua.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, se resgatam pressupostos da teoria da variação laboviana (Labov, 2008[1972]) para esclarecer o desenho da análise, em tempo real, e, em seguida, os procedimentos metodológicos por ele implicados, como utilizados no presente trabalho.

4.1 A Teoria da Variação

Em 1967, William Labov publicou seu estudo sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento nova-iorquinas, sustentando-o nos pressupostos do linguista francês Antoine Meillet. Com uma visão de língua divergente à da concepção dos discípulos de Saussure, Labov investiga a língua como fato social, não se limitando apenas a uma análise dos seus fatores estruturais internos. A proposta laboviana, porém, não nega estudos saussurianos, mas busca ampliá-los com uma proposta de análise da língua que vincula fatores linguísticos a fatores histórico-sociais:

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972]: 21).

Comunidade, para Labov, é entendida como um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de normas de uso e atitudes sociais em relação à língua. A análise sociolinguística busca explicitar essas normas de uso de variantes, comprovando, então, que a língua falada não se constitui por um caos linguístico, mas sim uma heterogeneidade ordenada, sendo essa variabilidade passível de sistematização. Tal sistematicidade é captada quantitativamente, por análise estatística de contextos obtidos através de levantamento de dados de fala espontânea, extraídos de entrevistas sociolinguísticas.

Controlam-se na análise variáveis linguísticas e sociais, cujos efeitos sobre a variável dependente em questão (o objeto de estudo da pesquisa) são verificados. A variável dependente pode ser de nível fonológico, morfológico, sintático ou semântico. As variáveis linguísticas contemplam restrições estruturais que sustentam o processo, como tonicidade da sílaba, contextos precedentes e seguintes e posição da sílaba na palavra. As variáveis sociais consideram a organização social da comunidade em grupos etários, etnias, gêneros e graus de escolaridade, por exemplo.

Essa perspectiva de estudo da variação linguística dá relevo à comunidade de fala na progressão e mudança linguística nas sucessivas gerações de falantes. Esse progresso pode ser captado em tempo real, se o pesquisador dispuser de amostras de uma mesma comunidade coletadas em diferentes momentos do tempo, podendo comparar as proporções de aplicações das regras variáveis em um e outro período; ou, se o pesquisador só dispuser de amostra coletada em um só momento, o progresso pode ser captado em tempo aparente, comparando os índices de aplicação das regras entre as faixas etárias. Se os falantes mais jovens aplicarem mais a forma inovadora do que os idosos, a tendência é de que a regra progrida na comunidade.

Ambos os desenhos da pesquisa, em tempo real e em tempo aparente, assumem a hipótese laboviana de que nosso sistema fonológico está definido na juventude e é relativamente estável na vida adulta. É o que Labov (1994) chama de pressuposto da mudança geracional (*generational change*, em inglês): se há inovação linguística pela variação, ela ocorre no período de aquisição da linguagem, através do incremento dos efeitos dos condicionadores do padrão de fala da comunidade. Isso resulta em mudanças graduais, com aumentos sutis no uso das formas inovadoras a cada geração. Comportamentos que desviem desse padrão – incremento abrupto na proporção total de uso de uma dada variante pela comunidade, por exemplo – devem-se a mudanças na comunidade que afetam estilos de vida, rotinas, interação dos indivíduos e, conseqüentemente, padrões de uso linguístico. Urbanização, êxodo rural, aumento da escolaridade e desenvolvimento de novos setores econômicos estão entre as alterações socioeconômicas que podem ter impacto nas normas de uso partilhadas na comunidade de fala.

4.2 Procedimentos metodológicos

4.2.1 Composição das amostras

Os dados do presente estudo provêm de três *corpora* distintos: o banco do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), o banco do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha) e o banco LínguaPoA. De cada amostra utilizaram-se 12 entrevistas sociolinguísticas, as quais são distribuídas em dois gêneros (feminino e masculino) e três faixas etárias (20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais), tendo dois informantes por célula.

O VARSUL é um acervo de entrevistas sociolinguísticas com informantes de diferentes sexos/gêneros, níveis de escolaridade e idades, residentes nas capitais e algumas cidades do interior dos três estados do Sul do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. As entrevistas de sua amostra-base foram realizadas no início dos anos 1990. O acervo é mantido pela PUCRS, UFRGS, UFSC, UTFPR. Desse banco, foram utilizadas 24 entrevistas, sendo 12 realizadas em Porto Alegre e 12 realizadas em Flores da Cunha.

O BDSer é um acervo de entrevistas sociolinguísticas realizadas de 2001 a 2009, de informantes de diferentes sexos/gêneros, níveis de escolaridade, idades locais de residência, habitantes de quatro municípios da antiga RCI-RS. Esse acervo é mantido pela UCS. Do BDSer, 12 entrevistas feitas em Flores da Cunha foram empregadas (essas, especificamente, realizadas entre 2008 e 2009).

O banco LínguaPoA é um acervo em constituição que será um dos resultados da pesquisa coordenada pela Prof. Dra. Elisa Battisti (iniciada em 2015 e atualmente em andamento junto ao CNPq), ao qual esse trabalho se vincula, intitulada “Variação Fonético-Fonológica e Classe Social na Comunidade de Fala de Porto Alegre”. O acervo é constituído por informantes masculinos e femininos, de três níveis de escolaridades diferentes, separados em três faixas etárias e distinguidos também pela zona de Porto Alegre da qual são moradores (Central, Leste, Norte, Sul). Desse banco, 12 entrevistas foram utilizadas.

As entrevistas sociolinguísticas, com duração média de sessenta minutos, são individuais e seguem um questionário-guia, ou um roteiro de perguntas, sobre assuntos envolvendo o cotidiano e as práticas dos informantes. Nesse trabalho, utilizam-se dados extraídos de um total de 48 entrevistas.

4.2.2 Método de análise

Os contextos de /l/ em coda silábica são levantados de oitiva das entrevistas sociolinguísticas, isto é, as entrevistas são ouvidas e seus contextos transcritos. Dados de trechos pouco audíveis são desprezados. Os dados são codificados a partir da variável dependente e das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas), definidas na seção a seguir.

Depois de codificados, os dados são submetidos ao programa computacional Rbrul (JOHNSON 2017) para análise estatística. Os dados de cada amostra são rodados separadamente, mas com o mesmo conjunto de variáveis independentes. Obtêm-se a proporção total de aplicação e a proporção de aplicação por fator das variáveis controladas,

apresentadas em porcentagens. Obtêm-se também pesos relativos no intervalo de zero a um – valores abaixo de 0,5 indicam que o fator não condiciona a regra, valores acima de 0,5 indicam que o fator é condicionador, valores em torno de 0,5 indicam que o fator é neutro.

No presente trabalho, a análise de regra variável é realizada a partir de um estudo em tempo real, com dados de fala de entrevistas realizadas nas mesmas comunidades, mas em períodos distintos, buscando verificar o andamento da vocalização da lateral pós-vocálica em ambas as localidades.

4.3 Definição das variáveis

4.3.1 Variável dependente

Vocalização da consoante lateral /l/ em coda silábica, em interior ou final de palavra: *fa[l]ta* ou *fa[t]ta* ~ *fa[w]ta*, *futebo[l]* ou *futebol[t]* ~ *futebo[w]*, *móve[l]* ou *móve[t]* ~ *móve[w]*, *a[l]moço* ou *a[t]moço* ~ *a[w]moço*.

4.3.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes dividem-se em linguísticas e extralinguísticas (ou sociais).

4.3.2.1 Variáveis linguísticas

a) Contexto fonológico precedente

Os fatores são vogal baixa (*hospital*, *almoço*), vogal média-baixa anterior (*papel*, *aluguel*), vogal média-alta anterior (*maleável*, *horrível*), vogal alta anterior (*difícil*, *humilde*), vogal média baixa posterior (*futebol*, *lençol*), vogal média-alta posterior (*voltar*, *moldura*) e vogal alta posterior (*faculdade*, *última*). Em conformidade com estudos revisados, acredita-se que a vogal baixa precedente (QUEDNAU, 1993; HAHN E QUEDNAU, 2007) e a vogal alta posterior (BATTISTI E MORAS, 2015; DAL MAGO, 1998) favoreçam a vocalização.

b) Contexto fonológico seguinte

Na variável *contexto fonológico seguinte*, controlam-se os fatores: pausa (*sul#*, *espanhol#*), oclusiva bilabial (*culpa*, *galpão*), oclusiva alveolar (*asfalto*, *dificuldade*), oclusiva velar (*salgado*, *qualquer*), fricativa alveolar (*calça*, *casalzinho*), fricativa labiodental (*talvez*,

desenvolver), fricativa/africada alveopalatal (*balde*, *humilde*), nasal labial (*realmente*, *almoço*), nasal alveolar (*normal né*), tepe (*mil reais*), lateral (*hotel lá*), vogal alta anterior (*legal isso*), vogal alta posterior (*difícil uma*), vogais médias anteriores (*mal educado*), vogais médias posteriores (*tal hora*) e vogal baixa (*mil habitantes*). Acredita-se que as consoantes altas (oclusivas velares e fricativas/africadas alveolopalatais) e as consoantes labiais (oclusivas bilabiais, fricativas labiodentais e nasal labial) favoreçam a aplicação da vocalização, como visto em Quednau (1993) e Costa (2003).

c) Tonicidade da sílaba

Lateral pós-vocálica em sílaba tônica (*parreiral*, *adulto*), pretônica (*faculdade*, *cultura*), postônica (*difícil*, *agradável*) e monossílabo (*tal*, *mal*) são os fatores reunidos nessa variável. Conforme estudos revisados (QUEDNAU, 1993; NEDEL E QUEDNAU, 2013) os contextos átonos (pretônicos e postônicos) favorecem a vocalização, assim como o monossílabo a desfavorece, hipótese seguida aqui.

d) Posição da lateral

Os fatores reunidos na variável *posição da lateral* são: interior de palavra (*folga*, *volta*), final de palavra não derivada (*anel*, *Brasil*), final de palavra derivada (*razoável*, *pessoal*) e final de morfema no interior da palavra (*realmente*, *humildade*). Acredita-se que os contextos em que a lateral localiza-se no interior da palavra sejam favorecedores da vocalização, conforme Quednau (1993) e Battisti e Moras (2015).

4.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

a) Sexo/Gênero

Os fatores controlados são masculino e feminino. Acredita-se que a aplicação da regra seja favorecida por feminino em Flores da Cunha, como mostram os resultados de pesquisas já feitas sobre outros processos inovadores na RCI – RS (GUZZO, 2010; BATTISTI E DORNELLES FILHO, 2012) e na própria comunidade. Em Porto Alegre, os resultados de Quednau (1993) também atestaram a vantagem por parte do gênero feminino em relação à aplicação da regra.

b) Faixa etária

Na variável *faixa etária*, controlam-se os fatores 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. A hipótese é de que os informantes mais jovens favoreçam a vocalização, enquanto os mais velhos tendem a preservar a forma original das palavras, como verificaram Quednau (1993), Tasca (1999) e Hahn e Quednau (2007) e Nedel (2009).

Quadro 1 – Variáveis independentes controladas e exemplos

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
Contexto fonológico precedente Vogal baixa: <i>hospita<u>l</u></i> , <i>almoço</i> Vogal média-baixa anterior: <i>pape<u>l</u></i> , <i>alugue<u>l</u></i> Vogal média-alta anterior: <i>maleá<u>ve</u>l</i> , <i>horrí<u>ve</u>l</i> Vogal alta anterior: <i>difí<u>ci</u>l</i> , <i>humí<u>l</u>de</i> Vogal média baixa posterior: <i>futebo<u>l</u></i> , <i>lenço<u>l</u></i> Vogal média-alta posterior: <i>voltar</i> , <i>moldura</i> Vogal alta posterior: <i>faculdade</i> , <i>última</i>	Sexo/Gênero Feminino Masculino
Contexto fonológico seguinte Oclusiva bilabial: <i>cul<u>pa</u></i> , <i>galp<u>ã</u>o</i> Oclusiva alveolar: <i>asfalt<u>o</u></i> , <i>difíc<u>l</u>dade</i> Oclusiva velar: <i>salg<u>ado</u></i> , <i>qualqu<u>er</u></i> Fricativa alveolar: <i>cal<u>ça</u></i> , <i>casal<u>z</u>inho</i> Fricativa labiodental: <i>tal<u>ve</u>z</i> , <i>desenvolv<u>er</u></i> Fricativa/africada alveopalatal: <i>bal<u>de</u></i> , <i>humí<u>l</u>de</i> Nasal labial: <i>real<u>me</u>nte</i> , <i>almoço</i> Nasal alveolar: <i>normal</i> <i>n<u>e</u></i> Tepe: <i>mil</i> <i>re<u>ais</u></i> Lateral: <i>hotel</i> <i>l<u>á</u></i> Vogal alta anterior: <i>legal</i> <i>is<u>so</u></i> Vogal alta posterior: <i>difí<u>ci</u>l</i> <i>u<u>ma</u></i> Vogais médias anteriores: <i>mal</i> <i>edu<u>ca</u>do</i> Vogais médias posteriores: <i>tal</i> <i>h<u>ora</u></i> Vogal baixa: <i>mil</i> <i>hab<u>ita</u>ntes</i> Pausa: <i>Bras<u>il</u></i>	Faixa Etária 20-39 anos 40-59 anos 60 ou mais anos
Tonicidade da sílaba Tônica: <i>parreir<u>al</u></i> , <i>adult<u>o</u></i> Pretônica: <i>faculdade</i> , <i>cultu<u>ra</u></i> Postônica: <i>difí<u>ci</u>l</i> , <i>agradá<u>ve</u>l</i> Monossílaba: <i>tal</i> , <i>mal</i>	
Posição da lateral Interior de palavra: <i>fol<u>ga</u></i> , <i>volta</i> Final de palavra não derivada: <i>ane<u>l</u></i> , <i>Bras<u>il</u></i> Final de palavra derivada: <i>razoá<u>ve</u>l</i> , <i>perso<u>al</u></i> Final de morfema no interior da palavra: <i>real<u>me</u>nte</i> , <i>humí<u>l</u>dade</i>	

5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo, serão descritos e discutidos os resultados obtidos na análise de regra variável através do programa computacional RBrul (JOHNSON, 2017). As entrevistas foram ouvidas e seus dados transcritos e codificados pela autora. As amostras das duas comunidades investigadas, Flores da Cunha e Porto Alegre, cada uma delas coletada em momento diferente, foram rodadas separadamente, mas com as mesmas variáveis. Sendo assim, os dados foram analisados da seguinte maneira:

- a) dados de 12 entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha, *corpus* VARSUL (1990);
- b) dados de 12 entrevistas sociolinguísticas de Flores da Cunha, *corpus* BDSer (2008-2009);
- c) dados de 12 entrevistas sociolinguísticas de Porto Alegre, *corpus* VARSUL (1990);
- d) dados de 12 entrevistas sociolinguísticas de Porto Alegre, *corpus* LínguaPoA (2016-2017).

Cada conjunto de dados foi rodado múltiplas vezes; em cada rodada, realizaram-se aperfeiçoamentos e amalgamações. Para compatibilizar o perfil dos informantes, a fim de compararem-se os resultados, as variáveis Local de Residência e Zona – células em que se distribuem os entrevistados nos *corpora* BDSer e LínguaPoA, respectivamente – são desconsideradas.

Os resultados são apresentados em duas seções, intituladas Vocalização na comunidade de Flores da Cunha e Vocalização na comunidade de Porto Alegre, seguidas de discussão dos resultados a partir das noções abordadas nos capítulos 2 e 3. A seção Vocalização na comunidade de Flores da Cunha refere, em boa medida, Battisti e Moras (2016). Já a seção Vocalização na comunidade de Porto Alegre traz resultados inéditos, obtidos para este trabalho de conclusão de curso, com o que se faz uma comparação dos padrões de vocalização em comunidades distintas, também inédita.

5.1 Vocalização na comunidade de Flores da Cunha

A análise quantitativa dos dados de fala de Flores da Cunha – 1248 levantados de entrevistas do VARSUL e 918 de entrevistas do BDSer – mostrou não só que havia vocalização da lateral em coda silábica nos anos 1990, como também que o processo teve incremento bastante expressivo em vinte anos. É o revelado pelas proporções totais de

aplicação da regra de vocalização: 12% nos dados do VARSUL (1990), 77% nos dados do BDSer (2008-2009).

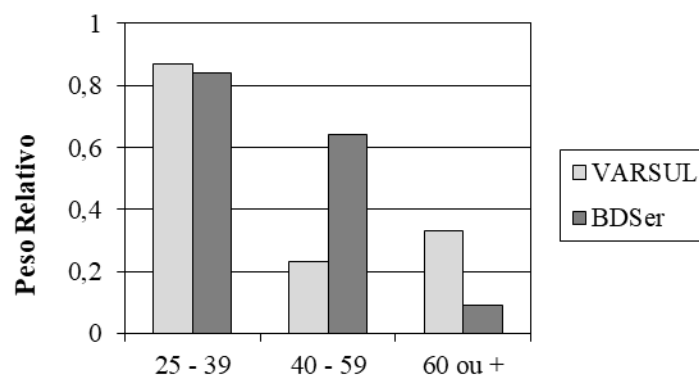
Foi necessária a amalgamação de fatores em algumas variáveis (*contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e posição da lateral*), buscando-se uma boa distribuição de dados em cada fator. Na rodada com dados do VARSUL (1990), *faixa etária, contexto fonológico seguinte e tonicidade da sílaba* foram selecionadas. Na rodada com os dados de entrevistas do BDSer (2008-2009), o programa selecionou todas as variáveis, exceto *posição da lateral*. Apresentam-se apenas os resultados das variáveis que se mostraram significativas nos dois bancos.

5.1.1 Variáveis extralinguísticas

5.1.1.1 Faixa etária

O exame dos dados confirma a hipótese de que o grupo etário jovem condiciona a vocalização, tanto em 1990 (VARSUL) quanto em 2008-2009 (BDSer), como se vê no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Variável *faixa etária* sobre a vocalização do L em Flores da Cunha



Fonte: Battisti e Moras (2016)

Os efeitos de *faixa etária* na amostra mais recente (BDSer 2008-2009) são monotônicos (preservam a relação de ordem) e gradientes: os grupos etários 25 a 39 anos e 40 a 59 anos favorecem a vocalização da lateral em coda silábica, com destaque para o primeiro, enquanto o grupo 60 ou mais anos desfavorece o processo. Os pesos relativos revelam aumento na tendência a vocalizar a cada nova geração, o que caracteriza processos variáveis

na mudança em progresso. Já os efeitos de *faixa etária* na amostra de 1990 (VARSUL) são distintos: o grupo etário 25-39 anos condiciona a vocalização, os demais grupos desfavorecem. Isso confirma o padrão de um processo inovador que se introduz na comunidade na fala dos mais jovens e não afeta as gerações precedentes.

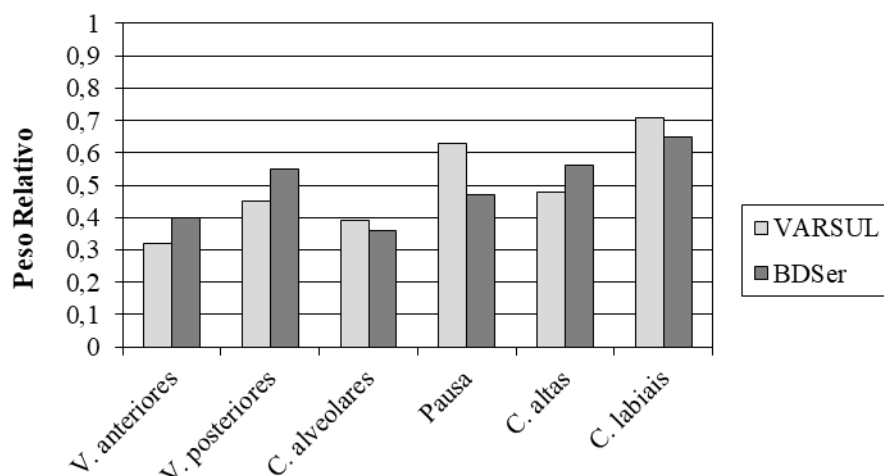
Esses resultados condizem com os encontrados por Quednau (1993) e Tasca (1999) nas comunidades de Monte Bérico e Flores da Cunha, respectivamente: os falantes mais jovens favorecem processos inovadores nas comunidades, atuando como agentes da mudança linguística.

5.1.2 Variáveis linguísticas

5.1.2.1 Contexto fonológico seguinte

Após o agrupamento de fatores para aperfeiçoamento estatístico, a análise confirma a hipótese de que consoantes altas e labiais seguintes condicionam a vocalização, como se vê no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Variável *contexto fonológico seguinte* sobre a vocalização do L em Flores da Cunha



Fonte: Battisti e Moras (2016)

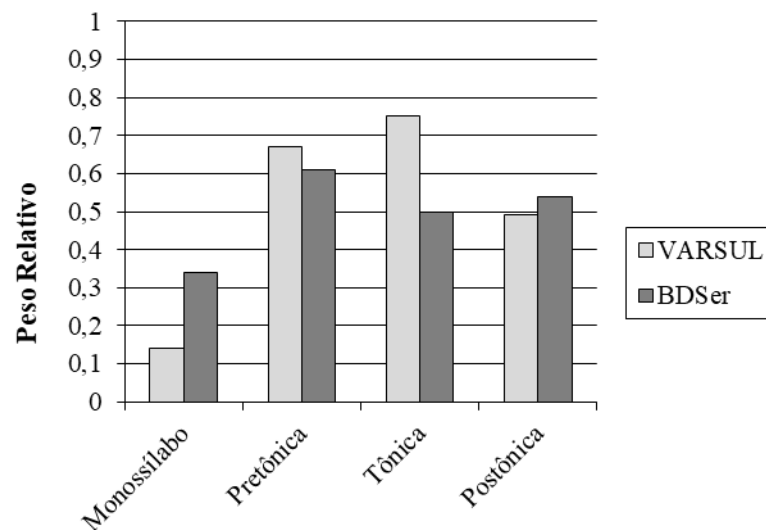
Na amostra do VARSUL (1990), a vocalização da lateral tende a ocorrer em pausa (ou contexto fonológico seguinte vazio) ou no contexto de consoante labial seguinte. Isso revela que o condicionamento prosódico em si e, eventualmente, um traço comum com a semivogal

[w] (labialidade) condicionam a aplicação da regra. Já na amostra de 2008-2009 (BDSer), a vocalização da lateral em coda se verifica quando a consoante é seguida de vogais posteriores, consoantes labiais e consoante altas, segmentos que compartilham traços com o alvo [w] (labialidade, posterioridade, altura). A análise revela, portanto, que o efeito fonotático sobre a vocalização aumentou com o progresso da regra na comunidade, de 1990 para 2008-2009. Esses resultados são corroborados por Quednau (1993) e Costa (2003).

5.1.2.2 Tonicidade da sílaba

A expectativa de que sílabas átonas condicionassem a vocalização confirmou-se no fator sílaba pretônica nos dois períodos, 1990 (VARSQL) e 2008-2009 (BDSer). Nos demais fatores, as tendências são discrepantes. Observe-se o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Variável *tonicidade da sílaba* sobre a vocalização do L em Flores da Cunha



Fonte: Battisti e Moras (2016)

Enquanto em 1990 (VARSQL) o processo tende a ocorrer em sílabas pretônicas e tônicas, em 2008-2009 (BDSer) apenas as sílabas pretônicas se destacam. Isso parece sugerir que o progresso da vocalização esteja associado à menor proeminência da sílaba na palavra, ambiente de menor saliência fônica, propício ao enfraquecimento consonantal.

5.2 Vocalização na comunidade de Porto Alegre

A análise quantitativa dos dados de fala de Porto Alegre – 1170 levantados de entrevistas do VARSUL e 1413 levantados de entrevistas do LínguaPoA – indicou a finalização do processo de vocalização da lateral na comunidade, atingindo *status* categórico.

A proporção total de ocorrência da vocalização nos dados do VARSUL é de 92%, com peso relativo (valor de *input*) de 0,99; nos dados do LínguaPoA, apenas duas ocorrências de lateral foram atestadas, todas de uma mesma informante, o que o programa estatístico RBrul (JOHNSON, 2017) considerou estatisticamente insignificante visto a taxa global do processo, exibindo a seguinte mensagem: “Error Message: Error : (convertido do aviso) glm.fit: fitted probabilities numerically 0 or 1 occurred”⁶. Como só houve duas ocorrências de vocalização, o programa acusou 100% de aplicação com peso relativo 1, o que confirma que o processo se completou – não há variação.

Sendo assim, serão descritos os resultados da análise quantitativa realizada com dados do VARSUL, apresentando as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa estatístico – *faixa etária, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e posição da lateral* – e seus fatores condicionadores da vocalização, e uma análise qualitativa dos dados do LínguaPoA, contendo os dois dados não vocalizados.

5.2.1 Análise quantitativa – VARSUL (1990)

5.2.1.1 Variáveis extralinguísticas

5.2.1.1.1 Faixa etária

O exame dos dados do VARSUL (1990) confirma novamente a hipótese de que o grupo etário jovem condiciona a vocalização, como mostra a Tabela 2:

⁶ Em português: “Mensagem de erro: erro (convertido do aviso) glm.fit: probabilidades ajustadas numericamente 0 ou 1 ocorreram” (tradução da autora).

Tabela 2 – Variável *faixa etária* em Porto Alegre com dados do VARSUL

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
20 – 39 anos	360/383	94%	0,60
40 – 59 anos	438/481	91%	0,52
60 anos ou mais	269/306	88%	0,38
TOTAL	1067/1170	92%	

Fonte: A Autora

Ao observar os pesos relativos, os efeitos de *faixa etária* revelam, também, resultados que preservam a relação de ordem: o grupo etário mais jovem favorece a vocalização, enquanto o grupo etário médio mantém-se próximo ao ponto neutro (peso relativo 0,52) e a faixa etária mais velha desfavorece o processo. Mesmo assim, todos os grupos etários têm altas taxas de proporção aplicação da vocalização, constatando a fase avançada desse processo na comunidade de Porto Alegre já na década de 90.

5.2.1.2 Variáveis linguísticas

5.2.1.2.1 Contexto fonológico precedente

Foram necessárias amalgamações para análise dos dados com essa variável. Os sete fatores originais foram agrupados de acordo com a anterioridade/posterioridade da vogal em questão, formando então três fatores: vogal baixa central, vogais anteriores (vogal média-baixa anterior, vogal média-alta anterior e vogal alta anterior) e vogais posteriores (vogal média baixa posterior, vogal média-alta posterior e vogal alta posterior). Mesmo assim, os resultados apresentam leve enviesamento, provavelmente devido à alta taxa de ocorrências de vogal baixa como contexto precedente, como se observa na Tabela 3:

Tabela 3 – Variável *contexto fonológico precedente* em Porto Alegre com dados do VARSUL

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
Vogais posteriores	213/215	99%	0,73
Vogais anteriores	223/259	86%	0,39
Vogal baixa	633/696	91%	0,36
TOTAL	1069/1170	92%	

Fonte: A Autora

Os resultados confirmam a hipótese de que vogais posteriores condicionam o processo (BATTISTI E MORAS, 2015; DAL MAGO, 1998), enquanto vogais anteriores e a vogal baixa desfavorecem a aplicação da vocalização. A motivação do condicionamento exercido por /u/ parece relacionar-se à altura e à labialidade dessa vogal, características compartilhadas com o segmento resultante da vocalização, [w]. A motivação parece ser, portanto, de natureza articulatória.

5.2.1.2.2 Contexto fonológico seguinte

Os fatores controlados na análise do contexto fonológico seguinte também precisaram de amalgamações. Os resultados (Tabela 4) apresentaram leve enviesamento, mas mostram o condicionamento da vocalização pelas consoantes altas e labiais, confirmando a hipótese inicial.

Tabela 4 – Variável *contexto fonológico seguinte* em Porto Alegre com dados do VARSUL

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
Consoantes altas	199/207	96%	0,67
Consoantes labiais	298/307	97%	0,65
Consoantes alveolares	385/414	93%	0,45
Pausa	96/122	79%	0,38
Vogais	91/120	76%	0,35
TOTAL	1069/1170	92%	

Fonte: A Autora

Contextos seguintes de consoantes altas e labiais tendem a vocalizar, enquanto as consoantes alveolares mantêm-se perto do ponto neutro e os contextos seguintes de pausa e vogais têm a tendência de não vocalizar.

Conforme Quednau (1993), as consoantes altas seguintes favorecem a vocalização porque, como na produção de [w], são articuladas com o dorso ou todo o corpo da língua levantado. As consoantes labiais também compartilham com [w] a labialidade.

5.2.1.2.3 Posição da lateral

O exame dos dados confirma a hipótese de que contextos em que a lateral esteja em posição no interior da palavra favorecem a aplicação do processo, como mostra a Tabela 5:

Tabela 5 – Variável *posição da lateral* em Porto Alegre com dados do VARSUL

	Ocorrência	Proporção	Peso Relativo
Final de morfema no interior da palavra	95/95	100%	1
Interior de palavra	504/509	99%	0,99
Final de palavra não derivada	324/386	84%	0,09
Final de palavra derivada	146/180	81%	0,08
TOTAL	1069/1170	92%	

Fonte: A Autora

Os resultados apresentam os fatores Final de morfema no interior da palavra e Interior de palavra como favorecedores da vocalização, como atestam também Quednau (1993) e Battisti e Moras (2015). As posições finais, tanto em palavra derivada como em não derivada, desfavorecem a aplicação do processo. A oposição interior de palavra/final de palavra talvez se deva à maior ou menor força da influência articulatória na promoção do processo.

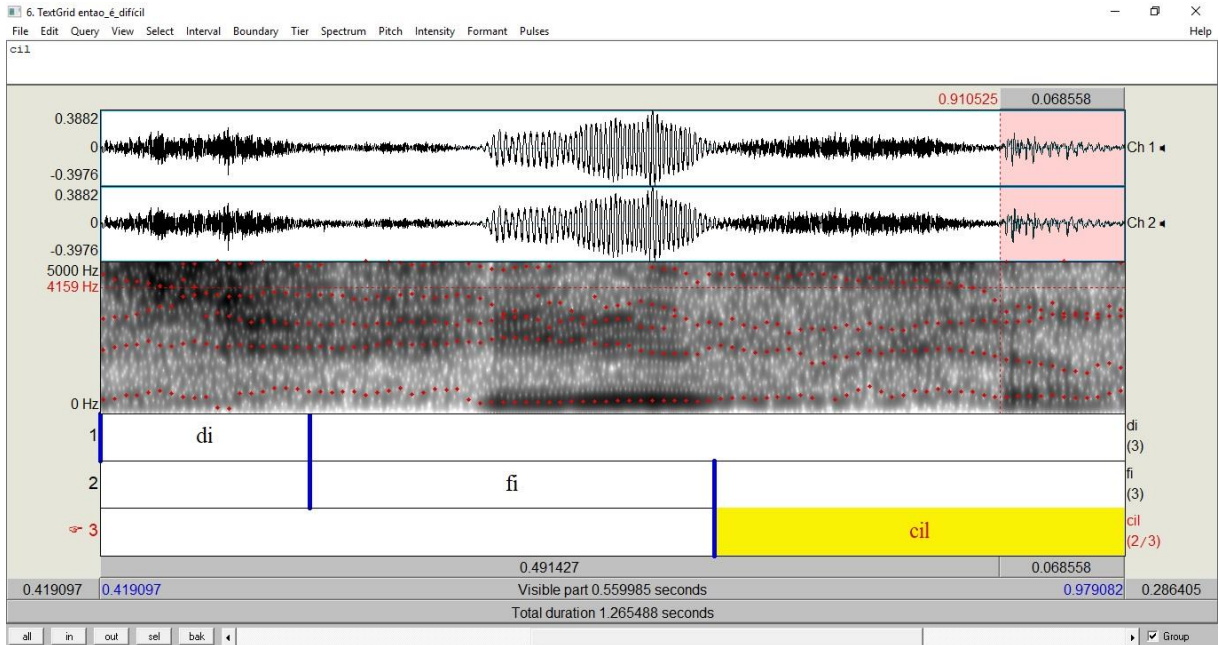
5.2.2 Análise qualitativa – LínguaPoA (2016-2017)

Como dito anteriormente, o programa RBrul (JOHNSON, 2017) não acusou variação nos dados de Porto Alegre com o *corpus* LínguaPoA (2016-2017). Mesmo assim, houve dois dados – de uma mesma entrevista – em que a realização da lateral não foi vocalizada; o programa considerou-os insignificantes. Por isso, nessa seção, se fará uma análise qualitativa desses dados, com uma análise acústica através do *software* PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2013) e, após, uma abordagem dos dados e seus contextos, assim como um exame das informações disponibilizadas pela informante.

5.2.2.1 Análise acústica

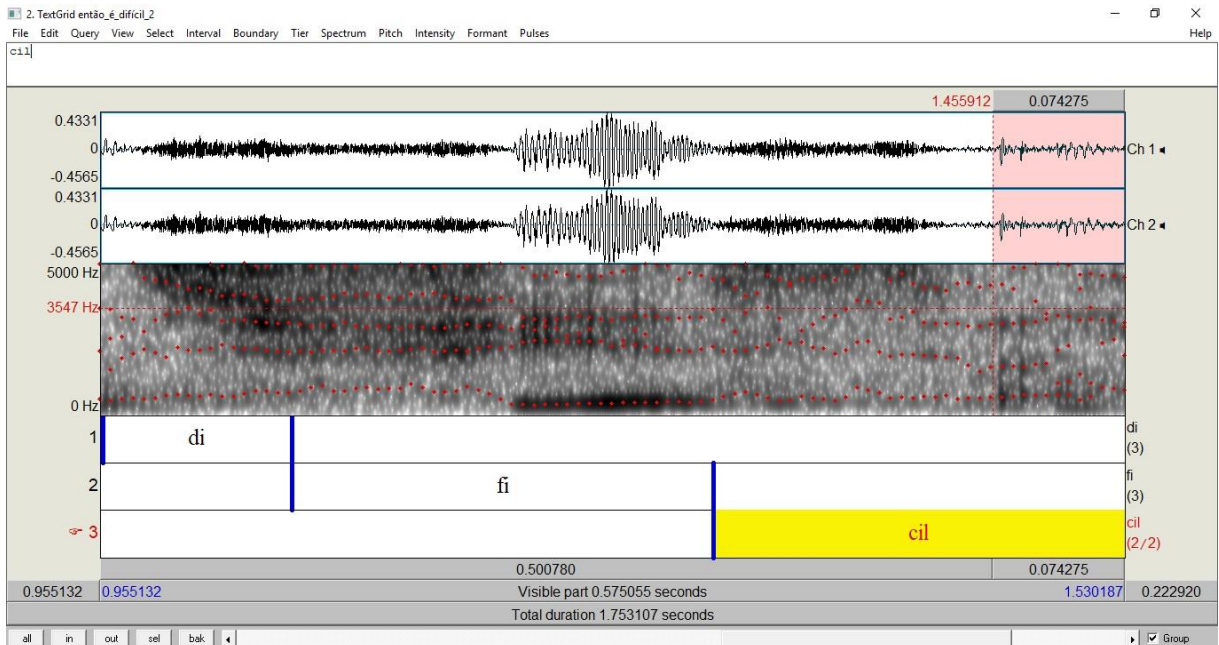
Os dois dados não vocalizados são da mesma palavra, “difícil”, tendo contexto seguinte pausa. As figuras 4 e 5 apresentam os espectrogramas desses dados:

Figura 4 – espectrograma de “difícil” (primeira ocorrência não vocalizada)



Fonte: A Autora

Figura 5 – espectrograma de “difícil” (segunda ocorrência não vocalizada)

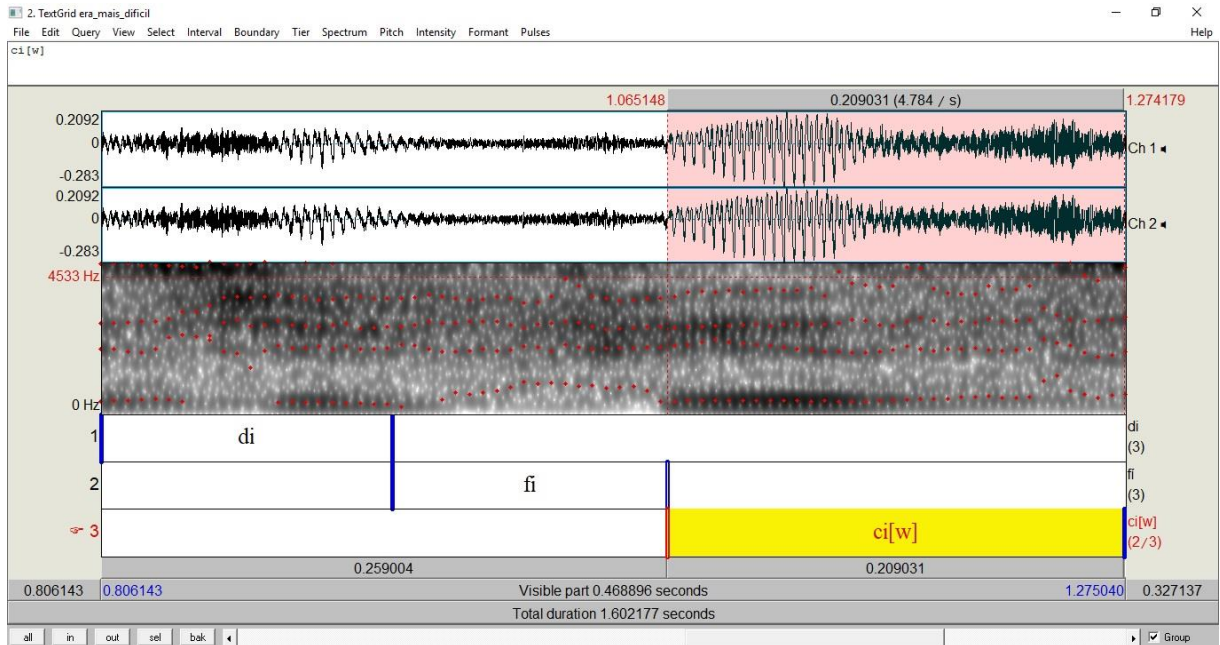


Fonte: A Autora

Como explicado no capítulo 2, o modo mais fácil de reconhecer a lateral é a comparação da amplitude de uma realização lateralizada com uma vocalizada. A Figura 6

apresenta o espectrograma de “difícil”, também com contexto seguinte pausa, emitido pela mesma informante, mas de realização vocalizada:

Figura 6 – espectrograma de “difícil” (ocorrência vocalizada)



Fonte: A Autora

Pode-se observar a diferença na amplitude entre as figuras no *tier* que representa a lateral (parte marcada em vermelho): as figuras 4 e 5, com realização lateralizada, apresentam uma amplitude menor do que a indicada pela Figura 6, realização vocalizada. Isso comprova, também, que, embora mais raramente, uma mesma informante pode enunciar as duas variações de pronúncia da lateral, produzindo alternância entre elas em igual palavra de idêntico contexto seguinte.

5.2.2.2 Os dados e seus contextos

Os dados são da mesma palavra, “difícil”, que possui as seguintes especificidades:

- a) Contexto fonológico precedente: vogal alta anterior;
- b) Contexto fonológico seguinte: pausa;
- c) Tonicidade da sílaba: postônica;
- d) Posição da lateral: final de palavra não derivada.

Os fatores das variáveis *contexto fonológico precedente*, *contexto fonológico seguinte* e *posição da lateral* da palavra “difícil”, a partir dos resultados encontrados em Porto Alegre com o *corpus* VARSUL (1990), são desfavorecedores da aplicação do processo de vocalização. *Tonicidade da sílaba* não foi selecionada como variável relevante nessa amostra, mas com os dados de Flores da Cunha, a tonicidade postônica revelou-se neutra diante do processo em ambos os *corpora*.

Além disso, os dados provêm da mesma informante: gênero feminino, de 60 anos ou mais, moradora da Zona Norte de Porto Alegre e descendente de pais portugueses. Desses fatores extralinguísticos, a *faixa etária* é a variável que mais chama atenção: a informante pertence ao grupo etário mais velho, desfavorecedor do processo.

5.3 Discussão dos resultados

Os resultados da análise em tempo real da vocalização da lateral pós-vocálica na comunidade de Flores da Cunha, conforme Battisti e Moras (2016), mostram mudanças no padrão de aplicação da regra. De um estágio inicial, passa-se a outro em que a regra alcança progresso significativo. Fatores sociais e linguísticos interagem no condicionamento do processo. É possível afirmar que a vocalização, inicialmente (1990) exibindo pouco efeito fonotático, passível de afetar a lateral também em sílaba tônica, exibe em 2008-2009 efeitos de segmentos seguintes com propriedades similares ao segmento-alvo e tende a afetar a lateral em sílabas prosodicamente fracas. O controle da variável *faixa etária* nos dados do VARSUL (1990) aponta a tendência de a aplicação da regra progredir na comunidade. A proporção verificada com os dados do BDSer (2008-2009) surpreende, pois parece contrariar a ideia de que a variação e mudança progridem gradativamente, de geração a geração.

Forças sociais além das articulatório-estruturais devem estar dirigindo o processo em Flores da Cunha, ao promover o contato entre a variedade local e outras variedades de português brasileiro para difundir a forma inovadora. É o apresentado pelo capítulo 3, em que se observam grandes transformações econômicas e populacionais no período de 1991 a 2009 na comunidade. Além do aumento da população em geral, houve crescimento dos habitantes da zona urbana e diminuição dos moradores da zona rural, caracterizando êxodo rural. A economia foi expandida através do incremento de número de empresas, especialmente no setor de serviços, provavelmente por causa do avanço do centro urbano da cidade.

Em Porto Alegre, o processo de vocalização já estava bem avançado na década de 90, como comprovam as pesquisas de Quednau (1993), Costa (2003) e o presente trabalho. Com

os dados do VARSUL (1990), verificam-se altas taxas de aplicação do processo em todas as faixas etárias, com favorecimento do grupo mais jovem. As vogais posteriores como contexto precedente, consoantes labiais e altas como contextos seguintes e posição da lateral no interior da palavra também favorecem o processo, indicando motivações de natureza articulatória, em que os fatores favorecedores compartilham características com a semivogal [w]. Com os dados do LínguaPoA (2016-2017), o programa RBrul atestou a finalização do processo. Apenas dois dados de não vocalização foram encontrados e considerados estatisticamente insignificantes. A vocalização da lateral em Porto Alegre chegou ao seu estágio final, atingindo *status* categórico, em que não há variação. A cidade de Porto Alegre sofreu mudanças nos últimos 20 anos em seus espaços físico e social, mas essas transformações não alteraram o padrão de mudança em progresso verificado nos anos 1990. Ao contrário, promoveram o padrão de progresso, seguindo a tendência de vocalização generalizada já consolidada em outras variedades de português (LEITE E CALLOU, 2002).

A comparação dos padrões de vocalização variável em tempo real mostra coincidências no condicionamento do processo por fatores linguísticos, o que confirma a natureza neogramática da regra e alimenta, por sua vez a hipótese de aplicação no nível pós-lexical (COSTA, 2003). Embora tenha havido diferenças nos resultados das variáveis selecionadas como relevantes pelo programa estatístico nos dados de Flores da Cunha e de Porto Alegre, chamam atenção os resultados das variáveis *faixa etária* e *contexto fonológico seguinte* nos fatores grupo etário mais jovem e consoantes labiais e altas: apesar de os dados serem de comunidades distintas em termos de sócio-história, a regra segue a mesma motivação articulatória e social, mais uma vez confirmando a hipótese de seu caráter neogramático.

Os resultados da análise, principalmente os referentes a Porto Alegre, contribuem para desfazer a interpretação sugerida por afirmações como a de Leite e Callou (2002: 47), com base em dados dos anos 1970, de que a realização alveolar/velar é ainda frequente no falar dos porto-alegrenses (e dos gaúchos em geral): “[...] é fácil perceber que Porto Alegre se distingue das demais [capitais brasileiras pesquisadas⁷], sendo a realização alveolar/velar praticamente exclusiva dessa capital”. Quase cinquenta anos se passaram desde a coleta de dados⁸ desse estudo. A realização alveolar/velar não é mais produtiva no português de Porto Alegre. A vocalização da lateral em coda silábica é um processo que, quando implementado, progride

⁷ Porto Alegre foi comparada a São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife no referido estudo.

⁸ Dados coletados das entrevistas do banco NURC (Norma Urbana Oral Culta), com entrevistas realizadas na década de 70 com informantes de nível superior.

rapidamente no falar das comunidades brasileiras, como Flores da Cunha comprova. O resultado que hoje se vê em Porto Alegre, de mudança efetivada, era, portanto, de se esperar.

Em sua tese, Quednau (1993) retoma a noção de telescopia apresentada por Lopez (1980), em que o /l/ em final de sílaba pode ser velarizado [ɫ], velarizado e labializado [l^w] ou vocalizado [w]. A presente análise opõe a vocalização à realização alveolar e velarizada da lateral (não fazendo distinção entre as duas últimas). Mesmo assim, pode-se afirmar que Porto Alegre chegou ao último estágio, pois o primeiro estágio não existe mais. Já em Flores da Cunha, a vocalização progrediu rapidamente do primeiro ao terceiro estágio, permitindo inferir que o segundo estágio possa ter sido omitido. Quednau (1993) afirma que:

Podemos dizer, então, que a regra é praticamente categórica para os metropolitanos, e inferir, a partir disso, que se trata de uma regra telescópica, pois, de acordo com Malmberg (1954), esse tipo de mudança tem início nas grandes cidades. Essa regra “[...] pode ser definida geralmente como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica” (Hyman, 1975, p. 173). Isto é, houve um momento em que existiam todos os estágios. No presente, um dos estágios pode não mais existir, mas deve ter existido anteriormente. (QUEDNAU, 1993: 47).

Talvez o que ainda alimente, no imaginário popular, a ideia de não vocalização da lateral em coda em Porto Alegre e em variedades de português brasileiro faladas no Rio Grande do Sul sejam estereótipos ligados ao tipo humano gaúcho, suas tradições e práticas culturais. Temos como exemplo o gaúcho Neto Fagundes, apresentador do programa semanal Galpão Crioulo da RBS TV e participante ocasional do programa Pretinho Básico, da rádio Atlântida, em que apresenta a seção “Causos do Nêgo Véio” – que se tornou até mesmo livro de coletânea de suas piadas. Esse personagem é um gaudério sem papas na língua que se mete em muita confusão. Um dos causos é transcrito abaixo:

O nêgo véio tava sem fazê nada e perguntou prum amigo dele:

“Meu querido, tu não tem algo pra eu fazê aí? Me arruma um emprego aí, pelo amor de Deus!”

“Ó, tu podia trabalhar lá no meu hotel lá!”

“Má eu não entendo nada de hotel, mas preciso desse emprego.”

Aí começou a trabalhar no hotel. Primeiro dia toca o telefone, uma senhora ligou:

“Alô, é do hotel?”

“Claro que é do hotel, não ligou pro hotel?”

“Liguei, senhor, eu só queria saber o seguinte: tem quartos?”

“É óbvio que tem quartos, senão não era hotel!”

“Mas eu queria saber quanto custa.”

“Depende! Se tu vem sozinho é um preço, se tu vem com duzentas pessoas é muito mais né!”

“Tá, senhor, calma, eu só queria saber o seguinte: vocês aceitam crianças?”

“Não, só cheque e cartão de crédito.”

(FAGUNDES, Causos do Nêgo Véio: O Hotel)⁹

Nas falas do narrador, do amigo e da senhora, Neto Fagundes emprega a realização vocalizada da lateral na palavra “hotel”. Quando reproduz a voz do Nêgo Véio, não vocaliza. Isso confirma a visão que se tem do gaudério: Fagundes possui as duas formas de realização do L em seu repertório e, em sua fala coloquial, realiza a forma vocalizada; mesmo assim, quando assume o personagem Nêgo Véio, vale-se da realização não vocalizada, por ser uma das características da fala desse personagem, um estereótipo do tipo gaúcho.

⁹ Disponível em:

<http://gshow.globo.com/RBS-TV-RS/Galpao-Crioulo/Colunas-Galpao-Crioulo/noticia/2016/04/causos-do-nego-veio-o-hotel.html>. (Acesso em: 29/06/2017)

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa visou a estudar o fenômeno da vocalização de L em coda silábica em duas comunidades diferentes, Flores da Cunha e Porto Alegre, a partir de uma análise variacionista em tempo real. Os resultados aqui obtidos tiveram o objetivo de verificar o andamento do processo em ambas as localidades, buscando contribuir com o panorama geral da vocalização no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil.

Em Flores da Cunha, encontramos as proporções de 12% de aplicação da regra de vocalização em 1990 (dados do banco VARSUL) e 77% em 2008-2009 (dados do banco BDSer), caracterizando, em vinte anos, um incremento bastante expressivo do processo. O grupo etário mais jovem, as consoantes labiais e altas como contexto fonológico seguinte e as posições átonas da sílaba favorecem a aplicação do processo. Em Porto Alegre, foi verificado o estágio avançado da vocalização já em 1990, com proporção de aplicação de 92% com dados do banco VARSUL, e a finalização do processo em 2016-2017, em que foi constatado 100% de aplicação da vocalização com dados do banco LínguaPoA. Em 1990, a faixa etária mais jovem, as vogais posteriores como contexto precedente, as consoantes labiais e altas como contexto seguinte e a posição da lateral no interior da palavra favorecem a vocalização.

Os resultados indicam motivações articulatórias e sociais influenciando a aplicação do processo. Contextos que compartilham características com a semivogal [w] favorecem a realização vocalizada, como labialidade, posterioridade e altura. Em termos sociais, além da variável extralinguística *faixa etária* ter sido selecionada como relevante em ambas as comunidades, a pesquisa sobre Flores da Cunha revelou grandes mudanças socioeconômicas e demográficas na cidade, justificando o aumento significativo da proporção de aplicação do processo, que predominou sobre a mudança geracional esperada. Ainda verifica-se proporção significativa de não vocalização na comunidade, possivelmente incentivada pelas raízes italianas, motivo de orgulho através da religião, do trabalho, dos pratos típicos e da língua.

Em Porto Alegre, a vocalização já se encaminhava para sua finalização em 1990 (dados do banco VARSUL), o que foi comprovado com os dados do LínguaPoA, em que verifica-se o *status* categórico do processo em 2016-2017, com apenas dois dados de não-vocalização, os quais o programa estatístico considerou insignificantes. Algumas manifestações culturais – como a da figura do gaúcho – podem cristalizar realizações linguísticas que, hoje, já não são produtivas. Infere-se a hipótese de que, abaixo do nível da consciência (ou seja, automaticamente), o porto-alegrense só produz a realização vocalizada;

acima do nível da consciência (monitoramento estilístico), pode, eventualmente, produzi-la, contribuindo para o estereótipo do gaudério.

Os resultados encontrados reforçam os outros estudos já realizados sobre vocalização de L em coda silábica e buscam impulsionar novas etapas de investigação, com ampliação do número de entrevistas e, possivelmente, um estudo estilístico sobre o uso da lateral em Porto Alegre. Assim, conclui-se esse trabalho não com um fim, mas sim com o intuito de encorajar novas pesquisas acerca da nossa língua.

7 REFERÊNCIAS

- ASHBY, P. *Understanding phonetics*. London: Hodder Education, 2011.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha: variação linguística e práticas sociais. *Alfa: Revista de Linguística*, v.56(2), 2012.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. T. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). *Caderno de Letras - UFPEL*, n.24, 2015.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade do português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. Gragoatá – UFF, v.21, n.40, 2016.
- BISOL, L; BATTISTI, E. *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 5.3.51, 2013. Disponível em: <<http://www.praat.org/>> (Acesso em 07/06/2017).
- CAMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- COLLISCHONN, G. A vocalização de L. In: BISOL, L; BATTISTI, E. (Orgs.) *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 89-104, 2014.
- COSTA, C. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Dissertação (Mestrado em Letras).
- DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working papers in linguística: UFSC*. n. 2, jul.-dez. 1998.
- FEDOZZI, L.; SOARES, P. R. R. S. (Orgs.) *Porto Alegre: transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.
- FROSI, M. V.; RASO, T. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.173-185.
- GUZZO, N. B. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha*. Caxias do Sul, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Caxias do Sul.
- HAHN, L. H. *A lateral sob uma perspectiva diacrônica*. Encontro do CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Pelotas - RS: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2008. v. 8.
- HAHN, L. H. *A realização da lateral /L/ no inglês por falantes do português brasileiro*. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HAHN, L. H.; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. *Letras de Hoje*, v. 42, n. 3, p. 100-113, setembro 2007.

JOHNSON, D. *RBrul version*. 3.4.0. 2017.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARQUES, I. M. B. *Variação fonética da lateral alveolar no português Europeu*. Dissertação (mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010.

MELLO, H. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p.173-185.

MONTEIRO, C. *Porto Alegre: Urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTEIRO, D. R. V. *Variação dialetal das laterais do português europeu*. Dissertação (mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.

NEDEL, E. L. *A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NEDEL, E. L.; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica em Lages/SC: análise variacionista. *Letrônica*, v.6, n.1, jan.-jun. 2013. p. 122-144.

OLIVEIRA, A. W. *Perfil Sócio-Econômico de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Degráfica Impressos, 1992.

SILVA, A. H. P. *Língua Portuguesa I: Fonética e Fonologia*. Curitiba: IESDE Brasil S.A.. 2007.

_____. *Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um Informante Paulistano*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.